

Simão Farias Almeida

Grupo de Pesquisa Estudos Culturais Comparados em Jornalismo  
Literário Brasileiro

Livro-reportagem:  
um gênero de polêmica

O lugar do livro-reportagem  
Uma classificação

## Apresentação

A idéia de elaborar este guia surgiu da percepção dos alunos necessitarem de um suporte crítico para compreender o livro-reportagem de forma didática, sem cair nos excessos e simplismos na delimitação e categorização do gênero feitos por alguns autores.

O jornalismo literário rende debates, sem consensos, até hoje. Apesar de encontrar resistências no meio acadêmico, o livro-reportagem passa por um *boom* autoral, editorial e de público. Ele costuma ser ora valorizado por seu jornalismo interpretativo, ora mais valorizado em outras áreas do que entre os profissionais de imprensa.

O crítico literário brasileiro Antonio Candido (2000, p.12) afirmou que “Os critérios de valorização, principalmente estética, permite-nos considerar uma série de obras de caráter não-ficcional como obras de arte literárias e eliminar, de outro lado, muitas obras de ficção que não atingem certo nível estético. O uso conjunto de ambos os critérios recortaria, dentro do próprio campo das belas letras, uma área de intersecção limitada àquelas obras que ao mesmo tempo tenham caráter ficcional e alcancem alto nível estético”.

Alceu Amoroso Lima (1990, p.75) defendeu que “O jornalismo é um gênero literário. Apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando põe ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se pois, dentro do próprio jornalismo, em sentido lato, de tudo o que vem no jornal, na sua forma escrita, ou no studio, em sua forma oral”.

O livro-reportagem por seu estilo literário e tratamento estético de fatos reais serve de exemplo a estas assertivas, saindo de vez da invisibilidade imposta pelos cânones que hierarquizam as produções artísticas em “alta” e “baixa” cultura. Digamos que o gênero em questão não tem a pretensão da primeira nem se exclui pelo rótulo da segunda.

Ele deve ser sempre polemizado para não ser enquadrado em estruturas estanques inclusive porque se renova à medida que pesquisas revelam novas nuances e novos autores antes mesmo do pretensioso movimento do *new journalism* americano<sup>1</sup>, no qual jornalistas nos anos 60 pretendiam renovar o jornalismo diário, considerado por eles como tedioso, através de recursos literários.

A obra *A Sangue Frio* (publicada no jornal *The New Yorker* em 1965 e livro em 1966), de Truman Capote, é considerada pioneira do *new journalism*, mas o escritor e jornalista brasileiro Monteiro Lobato, quase 50 anos antes, lançou uma série de livros para discutir temas caros ao país como o sanitarismo precário (*Problema Vital*, 1918), o atraso diante a modernidade norte-americana (*América*, 1932) e a política getulista contra a nacionalização do petróleo (*O Escândalo do Petróleo*, 1936).

Os livros lobatianos antes classificados como “adultos”, comparados à série do Sítio do Picapau Amarelo, são na verdade livros-reportagem.

Discutiremos o conceito, o gênero e proporemos uma classificação em subgêneros, a fim de render debates em sala de aula, no grupo de pesquisa *Estudos Culturais Comparados em Jornalismo Literário Brasileiro*, sob nossa coordenação e formado por professores e alunos da UFRR, e entre os demais interessados.

---

<sup>1</sup> Esta foi a proposta do projeto desenvolvido pela aluna Adriana Freitas de Carvalho sob nossa orientação no programa de Pesquisa de Iniciação Científica Institucional (PICI) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) com o título *O jornalismo literário de Monteiro Lobato: identificação, classificação e análise* (2006). Os livros-reportagem lobatianos servirão de exemplos neste guia

*Livro-reportagem: um gênero de polêmica* é a fase inicial de um projeto que inclui a publicação dos resultados da produção científica do grupo ora citado, em que será aplicado o suporte crítico deste guia.

Este suporte crítico aqui apresentado deve ser polemizado com outras fontes bibliográficas e com os livros a serem analisados. Aceitamos colaborações e discussões nesse debate, com a certeza de qualificar o tratamento científico aqui iniciado. Contato através do e-mail [simao.fal@bol.com.br](mailto:simao.fal@bol.com.br).

**Prof. Simão Farias Almeida**  
**Departamento de Comunicação Social/UFRR**

## O lugar do livro-reportagem

“Romance de não-ficção”, “Jornalismo de ficção”, “Jornalismo literário”. São muitos nomes na tentativa de categorizar o gênero.

O consenso que existe é o hibridismo jornalístico-literário que as produções possuem. Quando se fala em livro-reportagem, pensa-se num jornalista ou outro profissional que tenha certo trânsito na imprensa capaz de *manejar* técnicas e estilos das duas áreas. Trata-se portanto de um mediador com a especialidade de selecioná-los, estruturá-los e articulá-los em formato livro.

Conceber o livro-reportagem como gênero híbrido é polemizar a hierarquização dos gêneros, em que a literatura por seu status clássico de “grande arte” se põe superior a outros tipos de produção em livro ou não. A discussão também põe em pauta a desestabilização de caracteres jornalísticos como periodicidade e síntese típicos dos jornais diários e revistas. Mas antes de pensar em características, vejamos o seu hibridismo.

O teórico russo Mikhail Bakhtin (2000, p.286) em *O problema dos gêneros do discurso* (1952) problematiza a padronização destes: “Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero”.

Para ele o gênero é uma categoria que deve ser concebida de forma relacional, com sua unidade permeada pela referência a outros gêneros. Se isto vale para aqueles cujas fronteiras são mais estáveis, imagine no caso dos híbridos. Entendemos também que o híbrido se estabiliza pela desestabilidade dos estilos fixos dos gêneros de referência. É lícito se apropriar do termo *transmutação* em favor da estabilidade constitutiva do híbrido.

Pensando no livro-reportagem, a ficcionalidade serve-se de um tratamento realista e o noticioso aproxima-se da estilística literária. O manejo de estilos diferentes produz um híbrido que associa o normativo das regras jornalísticas à arbitrariedade autoral no tratamento artístico.

Apesar do *new journalism* não ser pioneiro no jornalismo literário, já que Monteiro Lobato lançou sua série de obras na primeira metade do século XX, concordamos com a característica de descrição cena a cena apontada por um de seus grandes expoentes Tom Wolfe, visto que é típica do tratamento ficcional realista e da perspectiva testemunhal do autor e personagens muito valorizada no jornalismo.

O recurso de cena a cena passa pelo crivo ficcional, portanto válido no livro-reportagem, já que como afirma Wolfe (2005, p.83) “nosso maior problema como repórter é, apenas, conseguir ficar ao lado da pessoa sobre quem escrevemos durante tempo suficiente para as cenas ocorrerem diante dos nossos olhos”. Mesmo não tendo que obedecer os prazos do jornal diário a fim de negociar espaços, no número do dia seguinte, até o final do expediente, o autor do livro-reportagem tem prazos em seu planejamento de pautas.

Temos um exemplo desse recurso narrativo em *Mr. Slang e o Brasil* (1927) de Monteiro Lobato (1950, p.56-57): “Preparei-me para ouvir uma alta revelação. Mr. Slang, entretanto, calou-se; e ao voltar-se para meter na gaveta a ‘Terra Desumana’ deu com o braço numa estatueta que havia sobre a sua secretária. O bronze veiu (sic) ao chão e fez-se cacós. Não era bronze, era barro bronzeado apenas. – Lá se foi o meu escriba! Exclamou Mr. Slang de olhos postos na estatueta em cacós”.

O tratamento dado pelo jornalista Truman Capote em *A Sangue Frio* sobre o assassinato da família Clutter nos Estados Unidos ajuda a entender o normativo e a arbitrariedade do gênero. Apesar de entrevistar pessoas que conviveram com a família,

de escrever a obra depois da captura e entrevista dos réus, o autor confessou que inventou falas, ficcionalizando a cobertura jornalística (*apud* Rogé Ferreira: 2003, p.282).

Monteiro Lobato em *O Presidente Negro* (1936) trata do racismo nos Estados Unidos referenciando por exemplo o movimento feminista já em voga naquele país na primeira metade do século XX, mas leva a perspectiva racista ao extremo já que as personagens usam uma máquina do tempo para vislumbrar, em 2.228, a chegada, saída e preconceito contra um negro no cargo mais alto do poder executivo.

Assim, devemos falar em noticioso e literariedade variáveis nos livros-reportagem, de acordo com seus subgêneros (ver no próximo capítulo).

O noticioso se pauta desde a novidade até a consonância entre as repercussões de um fato e as repercussões de outro. Os recursos literários variam desde o uso de figuras de linguagem (metáforas, metonímias, hipérboles) e composição estilística estruturante destas a tratamento mítico e alegoria.

O estilo é estruturante na medida em que permeia todo o livro de modo a levar o leitor a pensar a realidade apresentada através de esquemas metafóricos (figurativo) metonímicos (a parte pelo todo) etc. O tratamento mítico se caracteriza por aproximar características da personagem a virtudes/defeitos de mitos clássicos (Apolo, Afrodite, Hermes) e modernos (Dom Quixote, Peter Pan, Alice).

Já a alegoria é constituída pelo tratamento de algo através de outro algo, como tratar da polêmica existente em uma sociedade transferindo-a para outra. Outra manifestação alegórica é pensar uma época através de outra, caso de *O Presidente Negro*, em que Monteiro Lobato trata do racismo norte-americano em sua época através da passagem de tempo ao ano 2.228.

Outras características apontadas por Tom Wolfe na obra *The new journalism* (1973) também são condizentes ao livro-reportagem: diálogos completos, ponto de vista da terceira pessoa e descrição de pessoas e de seus comportamentos.

Após definir o uso da terceira pessoa como característica, Wolfe (2005, p.57) amplia para outros focos narrativos: “Se o jornalista quer mudar o ponto de vista da terceira pessoa para o ponto de vista da primeira pessoa na mesma cena, ou entrar e sair dos pontos de vista de diferentes personagens, ou até da voz onisciente do narrador para o fluxo de consciência de alguma outra pessoa – como ocorre n’*O teste do ácido do refresco elétrico* -, ele simplesmente faz isso”.

Desta forma, legitimamos a característica de foco narrativo no lugar do ponto de vista da terceira pessoa.

O fluxo de consciência é a perspectiva narradora da mente de uma ou mais personagens, o que submete o tratamento de descrição de situações a fluxos, falhas e faltas de memória, transição nervosa de narração de tempo e espaço, transição entre pensamento, sonho ou devaneio e a realidade.

Veja em *América* (1932) de Monteiro Lobato (1950, p.153): “Meus olhos não se cansavam de boiar no oceano de estrelas, enquanto em meu cérebro um formigueiro de idéias novas fervilhava como em um dia de saída de içá (...) Sonhei tão intensamente que já não me lembro do muito que Mr.Slang (...) ia me dizendo a respeito da super-cidade. Quando descemos, a diferença de pressão atmosférica me fez surdo ou azoado por meia hora”.

O escritor e jornalista Tom Wolfe usou e abusou destas técnicas literárias<sup>2</sup>, mas continuamos alertando para a variedade do uso destas de uma produção para outra, de um subgênero para outro.

<sup>2</sup>Ver trechos de obras de Tom Wolfe em *Radical Chique & O Novo Jornalismo* da Companhia das Letras.

Outro aspecto a ser considerado é o do personagem. Entendemos como todo aquele que tem sua fala marcada pelo autor do livro-reportagem através de discurso direto em diálogo, discurso direto citado, discurso indireto e discurso indireto livre, este último típico do fluxo de consciência.

Não é suficiente que ele seja apenas citado. Sua perspectiva é discursiva. Quando tratamos desta perspectiva, referenciamos o *modus* normativo do jornalismo, em que o personagem é pautado para entrevista, depoimento por sua relevância social, caracteres pessoais típicos aproximados de representações sociais e mitos culturais próximos ou universais.

O personagem representa uma perspectiva vigente na sociedade (como autoritária, moderna, tradicional, feminista, anti-semita) sobre o fato, a opinião pública, outra personagem.

Outra característica jornalística do gênero em questão é a extensão suficiente para aprofundar o debate sobre pessoas, temas da opinião pública geral ou especializada, fatos etc. A natureza do livro-reportagem é portanto interpretativa.

Se no jornalismo diário, a periodicidade formata debates públicos num emaranhado de artigos, editoriais, ensaios de diferentes autores, no jornalismo não-periódico do livro-reportagem a extensão do formato condensa várias perspectivas em uma única angulação de um único autor.

A angulação, por sinal, é uma das operações jornalísticas do gênero. Passemos a elas:

1. *Angulação*: seleciona perspectivas sobre fatos, pessoas, temas. O manejo desta operação é guiado pelas técnicas de pauta e entrevista.

Como o livro-reportagem valoriza o jornalismo de autor, diferente do jornalismo periódico condicionado a políticas editoriais, agenda dos meios e manuais de redação (interligados entre si numa rede ideológica patronal), suas perspectivas tanto de autor como de personagem são valorizadas pela liberdade.

As técnicas de pauta e edição são mais arbitrárias porque não são engessadas pelas estruturas hierárquicas das redações.

2. *Edição*: estrutura e seqüência das perspectivas nas unidades temáticas e capítulos do livro. A edição é regulada por critérios noticiosos de valorização (novidade, continuidade do fato, repercussões); por técnicas como lead, documentação (entrevista, pesquisa de arquivos e bibliográfica) e pirâmide invertida (do mais para o menos noticioso, do fato para suas repercussões, do particular para o geral). Por outro lado, a edição é arbitrária, justificada pela liberdade autoral.

3. *Polêmica*: debate, confronto, crítica, refutação de perspectivas. A polêmica é estruturante, ou seja, contrapõe opiniões opostas a fim de formar opinião do leitor. Pela liberdade autoral, esta operação é a mais valorizada na natureza do gênero.

Apresentamos um quadro com as características jornalístico-literárias do livro-reportagem. Entendemos que elas são variáveis de produção a produção:

| Características    | Jornalísticas  | Literárias   |
|--------------------|--|--|
| norma              | noticioso [da novidade à consonância entre repercussões de fatos e situações de um mesmo fato] | literariedade [de figuras de linguagem a alegorias, do realismo social ao alegórico]         |
| técnicas/operações | pauta, documentação, angulação, edição, polêmica   | cena a cena, foco narrativo, diálogo completo, descrição de características e comportamentos |
| personagem         | perspectiva de fato, personagem, tema (pauta); discurso direto citado e indireto               | discurso direto em diálogo ou citado, indireto, indireto livre                               |
| arbitrariedade     | não hierarquizado  | estilo [mítico, alegórico, irônico etc]  |

Deixamos para o fim do capítulo o conceito, agregando a ele as operações, técnicas e normas já descritas.

**Livro-reportagem é o gênero por excelência do jornalismo literário, que polemiza o noticioso (personagens, temas, fatos) através de manejo variável de literariedade e operações jornalísticas normativas e arbitrarias, de acordo com cada subgênero como veremos no próximo capítulo.**

## Uma classificação

Nossa proposta de classificação do livro-reportagem não é a primeira. Edvaldo Pereira Lima (2004, p.51-59) sugere 13 grupos: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem.

Entendemos que os grupos propostos por Lima não são estanques, ou seja, um livro-reportagem pode ser história e depoimento, outro merece classificação de atualidade e denúncia.

Sugerimos uma classificação com fronteiras mais delimitadas entre os quatro subgêneros. Cada um possui características predominantes, o que também quer dizer que elas aparecem menos significativamente nos outros subgêneros.

Reforçamos ainda que a principal natureza do livro-reportagem é polemizar idéias, personagens, fatos, realidades. Produções fora desta proposta não são classificadas como tal.

Há consensos entre os subgêneros como o de que todos são não-periódicos<sup>3</sup>, interpretativos, regidos por normas, técnicas e estilos híbridos, além do personagem estar condicionado à pauta jornalística e sua perspectiva contar com discursos literários (direto em diálogo, indireto livre). Mas atestamos que, por exemplo, a pauta tem menos força em um deles.

Após a descrição de cada subgênero, exemplificaremos com produções sem finalidade de análise-las<sup>4</sup>.

Seguimos com a proposta de classificação:

1. *Biografia*: a angulação do autor predomina, estruturando a obra através da polêmica entre perfis criados pelos personagens-entrevistados. Cada perfil é construído por depoimentos, inclusive do biografado, sobre um mesmo tema. A articulação entre depoimentos e perfis é estruturante.

A aproximação entre o biografado e figuras míticas é comum neste subgênero. Depoimentos e perfis são estruturados neste sentido.

Geralmente, a polêmica não se constitui por diálogo com direito a réplicas entre personagens depoentes e personagem depoente biografado, daí existir reclamações por parte dos biografados por não polemizar assertivas, até mesmo do autor. São biografias *Monteiro Lobato: Vida e Obra* de Edgard Cavalheiro, *Olga* de Fernando Morais, *Cazuza: só as mães são felizes* de autoria compartilhada por Lucinha Araújo e Regina Echeverria.

2. *Tese*: autor polemiza idéias de entrevistados, estruturando obra através do método argumentativo a fim de defender idéia sociológica, antropológica, filosófica, histórica, estética, política, física, geográfica etc.

A polêmica é estruturante em função dos procedimentos argumentativos apresentados para convencer o leitor. Os entrevistados podem ser especialistas na área, áreas afins, pessoas públicas e até pessoas que ilustram determinada realidade, determinada experiência descritas.

Porém, como a proposta é defender uma das idéias acima relacionadas, é possível que em algumas produções, a estrutura valorize a perspectiva de especialistas

<sup>3</sup>A *Sangue Frio* serve como um bom exemplo para alertarmos que tratamos do formato livro e não de publicação anterior a este em jornais periódicos.

<sup>4</sup> Faremos isto em outras etapas do projeto como informamos na apresentação deste livro.

em detrimento da perspectiva de testemunhas ou participantes de fenômenos sociais ou científicos.

A literariedade neste subgênero condiciona-se a procedimentos argumentativos como analogia (de um fato para outro fato, de um contexto para outro contexto); ressonância dos fatos sociológicos ou científicos em comunidades e sociedades; testemunho de autoridade (especialista, testemunha, participante); referencialidade ou contextualidade; causalidade e taxionomia.

Por se tratar de recursos de um livro-reportagem, preocupado com a compreensão do leitor, os argumentos científicos e retóricos são didaticamente interpretados pelo autor jornalista através desses procedimentos, principalmente a analogia, ressonância e referencialidade que mais se aproximam de uma realidade do leitor, local, regional, nacional, mais fácil de ser compreendida.

São livros-reportagem-tese as produções *O Sacy Perêre*, *Resultado de um Inquérito*; *Problema Vital*; *Ferro* e *O Escândalo do Petróleo* de Monteiro Lobato.

3. *Romance*: autor polemiza com personagens, estruturando a obra através da apresentação alegórica de uma realidade. A alegoria é estruturada como o contexto se mostra ao autor. O dito do livro figura o *interdito*, o contexto.

No livro-reportagem-romance, a pauta é menos utilizada. Por seu caráter alegórico, que inclusive serve para proteger a identidade de pessoas públicas e as idéias do próprio autor, representado pelo narrador, a polêmica deste com outros personagens em geral fictícias tem mais liberdade.

Há um tratamento conclusivo da polêmica, pois ao contrário de como as pessoas reais são vistas em outros subgêneros, neste o personagem é visto em sua totalidade (seja do nascimento até a morte, seja finalizando seu projeto de vida, ideológico etc), privilegiando debates com réplicas, consensos.

Ele conclui a polêmica de sua própria perspectiva, diferente das pessoas reais que estão em constante mudança de idéias e que desconhecem situações pelas quais vão passar num futuro próximo ou distante. O narrador do romance sabe da vida dos personagens, guiando-a até o desfecho narrativo.

Contrariando autores como Davi Arguci Jr. e Flora Süssekind que classificam o romance-reportagem como gênero, entendemos o romance jornalístico-literário como subgênero do livro-reportagem porque possui caracteres normativos e arbitrários com a diferença de uma maior valorização da literariedade alegórica.

São exemplos desse subgênero *Mr. Slang e o Brasil*, *América* e *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato. Classificamos a estória *Jeca Tatu – a Ressureição* incluída em *Problema Vital* como pequeno exemplar de livro-reportagem-romance em um livro-reportagem-tese. O jornalista escritor ilustra a idéia sociológica dos problemas causados pela falta de sanitarismo no Brasil através de narrativa sobre o personagem caboclo Jeca Tatu.

4. *Factual*: autor polemiza testemunhos e opiniões dos entrevistados sobre fato passado ou presente, estruturando a obra a partir de como engendrou o agendamento de entrevistas, a prática da reportagem, de acordo com a realidade dos envolvidos ou como o acontecimento se mostrou a ele através dos depoimentos dos personagens.

É o caso de *A Sangue Frio* de Truman Capote que inicia seu livro mostrando as vidas paralelas da família assassinada e dos réus até que as duas realidades se encontram no relato da prisão dos acusados.

Outros exemplos de livros-reportagem-factual são *Estação Carandiru* de Drauzio Varella e *Rota 66 - A história da polícia que mata* de Caco Barcellos.

Apresentamos um quadro com os subgêneros discutidos e suas operações:

|                  |                                   |  |   |
|------------------|-----------------------------------|--|---|
| Livro-reportagem | angulação                         | Edição   | polêmica  |
| biografia        | autor                             | perfis   | entre perfis e entre depoimentos de um perfil   |
| tese             | autor                             | método argumentativo   | entre idéias  |
| romance          | alterna entre autor e personagens | alegoria   | entre perspectivas do narrador e personagens; guiada pelo narrador de modo a ser conclusiva |
| factual          | autor                             | agendamento, reportagem, realidade dos envolvidos, acontecimento através dos depoimentos | entre testemunhos, opiniões, realidades dos envolvidos                                      |

Obras consultadas  
Obras recomendadas

- ARAÚJO, Lucinha & ECHEVERRIA, Regina. *Cazuza: só as mães são felizes*. 8ª ed. São Paulo: Globo, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARCELLOS, Caco. *Rota 66 - A história da polícia que mata*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FERREIRA, Carlos Rogé. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: discursos e contradiscursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem*. São Paulo: Edusp, 2003.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com/Arte; Edusp, 1990.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- MONTEIRO, Lobato. *Obras Completas – 1ª série*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Omega, 1987.
- VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

**Errata**

Em new journalism, o correto é journalism.